

O GEMIDO DA CRIAÇÃO

A esperança que atravessa a vaidade: uma leitura agrosófica de Romanos 8 sobre a criação que espera a redenção

Ainor Francisco Lotério

Engenheiro Agrônomo (UFSC). Mestre em Gestão Pública. Bacharel em Filosofia e em Teologia. Diácono Permanente da Igreja Católica. Criador da Agrosafia. Ex-Diretor Estadual da Epagri e ex-Prefeito de Camboriú/SC.

Autor de Paixão pelo Cooperativismo, A Eternidade em Nós, Um Minuto de Inspiração e Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes.

Chácara Agrosafia, Comunidade Rural do Braço, Camboriú, Santa Catarina, Brasil.

www.ainor.com.br | www.loterio.com.br | ainorfloterio@gmail.com

"Pois a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua livre vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria criação será libertada da escravidão da corrupção."

Rm 8, 20-21 (Bíblia de Jerusalém)

RESUMO

O artigo examina Romanos 8, 19-23, passagem na qual São Paulo descreve a criação submetida à vaidade e em gemido de parto rumo à redenção. Adota-se a análise exegetico-filosófica de matriz hermenêutica, articulando a continuidade semântica entre o hevel do Eclesiastes e a mataiotes paulina, tal como atestada na tradução dos Setenta, para demonstrar que a fugacidade da criação não constitui maldição definitiva, mas condição transitória atravessada pela esperança escatológica. Sob a chave teórica da Agrosafia, que integra Filosofia, Teologia e Agronomia, lê-se o gemido da terra como experiência cotidiana do agricultor, que convive com o efêmero e ainda assim planta. Propõe-se que o trabalho no campo, realizado com consistência e não por vaidade, constitui antecipação sacramental da liberdade dos filhos de Deus. Conclui-se que cuidar da criação com seriedade, sem ostentação e sem apropriação egoísta, é participar ativamente do parto do mundo novo, tese convergente com a ecologia integral proposta pela encíclica Laudato Si e com a teologia da esperança de Spe Salvi.

Palavras-chave: Agrosafia. Romanos 8. Vaidade. Esperança escatológica. Ecologia integral. Extensão rural.

ABSTRACT

This article examines Romans 8:19-23, in which Saint Paul describes creation subjected to vanity and groaning in labor pains toward redemption. Through exegetical and philosophical hermeneutic analysis, it articulates the semantic continuity between the hevel of Ecclesiastes and the Pauline mataiotes, as attested in the Septuagint translation, in order to demonstrate that the transience of creation is not a definitive curse but a provisional condition traversed by eschatological hope. Under the theoretical framework of Agrosafia, which integrates Philosophy, Theology and Agronomy, the groaning of the earth is read as the everyday experience of the farmer, who lives with the ephemeral and nevertheless plants. It is proposed that agricultural work, performed with consistency rather than vanity, constitutes a sacramental anticipation of the freedom of the children of God.

Keywords: Agrosafia. Romans 8. Vanity. Eschatological hope. Integral ecology. Rural extension.

1 INTRODUÇÃO

Há no capítulo oitavo da Carta aos Romanos uma das páginas mais surpreendentes de toda a Escritura. São Paulo afirma que a criação inteira, a terra, os campos, os seres vivos, o cosmo, foi submetida à vaidade e geme como que em dores de parto, aguardando a sua libertação. A palavra que o Eclesiastes usara para descrever a fugacidade da vida humana reaparece aqui, mas dilatada até as dimensões do universo. Se em Salomão a vaidade era o sopro breve de cada existência, em Paulo ela é a condição de toda a criação ferida, que não se resigna ao vazio, mas espera.

A pertinência dessa releitura para o pensamento contemporâneo é evidenciada pelo próprio magistério eclesial. A encíclica *Laudato Si* (FRANCISCO, 2015) recorre explicitamente ao gemido paulino ao afirmar que a terra, oprimida e devastada, está entre os pobres mais maltratados e abandonados, e que toda a criação continua a gemer em dores de parto. De modo convergente, Bento XVI (2007) demonstra em *Spe Salvi* que a esperança cristã não é fuga do mundo, mas performativa, isto é, capaz de transformar a vida presente. Ambos os documentos oferecem sustentação doutrinal para a hipótese aqui defendida.

Este artigo dá continuidade à meditação agrosófica sobre o que passa e o que permanece, deslocando o olhar do indivíduo para o conjunto da criação. A pergunta já não é apenas que proveito tem o homem de todo o seu trabalho debaixo do sol, mas para onde caminha a terra que geme. A resposta paulina é decisiva: a vaidade não é a última palavra, porque debaixo do sopro há uma esperança plantada, e essa esperança tem nome, a liberdade e a glória dos filhos de Deus.

O objetivo geral consiste em fundamentar, a partir de Romanos 8, uma teologia agrosófica do trabalho rural. Os objetivos específicos são três: demonstrar a continuidade semântica entre hevel e mataiotes; interpretar o gemido cósmico como categoria de gestação e não de agonia; e estabelecer o critério de discernimento entre consistência e vaidade na ação e na comunicação do cuidado com a terra.

2 METODOLOGIA

Adota-se pesquisa qualitativa de natureza básica, com procedimento bibliográfico e documental, articulada em três movimentos. O primeiro é exegético e recorre à análise do vocabulário grego e hebraico das passagens em estudo, tomando por base a Bíblia de Jerusalém (2002) e o cotejo com a Septuaginta, no que se refere à tradução de hevel por mataiotes. O segundo movimento é hermenêutico-filosófico e recorre à tradição agostiniana da inquietude do coração (AGOSTINHO, 1999) e à síntese teológica de Ratzinger (2005) sobre a relação entre criação e redenção. O terceiro movimento é aplicado e transpõe os achados para o campo da extensão rural e da agricultura sustentável, mediante a categoria da Agrosafia, formulada pelo autor e sistematizada em seus portais e obras.

Os critérios de seleção das fontes privilegiaram três conjuntos documentais: o corpus bíblico primário; o magistério eclesial sobre ecologia e esperança, notadamente *Laudato Si* e *Spe Salvi*; e a produção autoral prévia disponível nos portais www.loterio.com.br e www.ainor.com.br, considerada aqui como corpus de sistematização progressiva da Agrosofia. Trata-se, portanto, de pesquisa teórica de caráter interpretativo, sem pretensão de generalização estatística, mas com pretensão de fundamentação conceitual rigorosa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Da vaidade individual à vaidade da criação

O *Eclesiastes* havia diagnosticado a brevidade do homem: tudo é hevel, sopro que se dissipa. O termo hebraico, que ocorre cerca de trinta e oito vezes ao longo dos doze capítulos do livro, significa vapor, sopro, fumaça, algo que não tem substância. Sua tradução latina por *vanitas*, consagrada na fórmula *vanitas vanitatum, omnia vanitas*, estreitou o campo semântico original, aproximando-o indevidamente da noção moderna de ostentação. O sentido primário, contudo, é o da transitoriedade e da inconsistência de tudo quanto se faz debaixo do sol quando desvinculado do fundamento eterno.

Paulo recolhe essa intuição e a universaliza. Ao escrever que a criação foi submetida à *mataiótes*, termo grego que os Setenta empregam justamente para traduzir o hevel de Salomão, o Apóstolo afirma que não apenas o indivíduo, mas o mundo inteiro participa dessa condição de fragilidade e frustração. A escolha vocabular não é acidental: ela estabelece uma ponte deliberada entre a sabedoria vétero-testamentária e a revelação cristã.

Há, porém, uma diferença de tom que muda tudo. Em Salomão, a vaidade é constatada com melancolia serena; em Paulo, ela é lida como estado de espera. A criação não foi sujeita à vaidade por sua própria vontade, mas por causa daquele que a submeteu, e, eis o ponto, na esperança. A frustração cósmica não é um beco sem saída: é uma gestação. O que gemia como fim revela-se como parto. Ratzinger (2005) observa que a fé cristã não se define pela negação do mundo, mas pela afirmação de que o mundo tem futuro em Deus, e é precisamente essa a estrutura lógica do argumento paulino.

3.2 O gemido como trabalho de parto

A imagem escolhida por Paulo é precisa e agrícola em sua raiz: dores de parto. Quem trabalha a terra conhece esse gemido. O solo que se rompe sob o arado, a semente que apodrece para germinar, a planta que se curva ao peso do fruto, tudo geme, mas o gemido é fecundo. Não é o lamento de quem morre sem destino; é o esforço de quem carrega vida. A criação, diz o Apóstolo, não geme de desespero, mas de expectativa. *Laudato Si* (FRANCISCO, 2015) retoma

essa mesma imagem ao denunciar que o gemido atual da criação foi agravado pela ação humana predatória, o que confere ao texto paulino inequívoca atualidade ecológica.

3.3 A esperança que se planta no oculto

Paulo prossegue afirmando que também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, aguardando a adoção filial e a redenção do nosso corpo. Há, portanto, uma solidariedade entre o homem e a terra: ambos gemem, ambos esperam, ambos caminham para a mesma libertação. O agricultor não é espectador da criação sofredora; é seu companheiro de gestação.

A palavra primícias é lavoura pura. No mundo bíblico, as primícias eram os primeiros frutos entregues a Deus como sinal e garantia da colheita inteira que viria. Paulo usa essa imagem para descrever o Espírito: ele é o primeiro fruto, o penhor que assegura a plenitude futura. Assim, quem trabalha hoje sob a vaidade já colhe as primícias de uma glória que ainda não se manifestou. O gesto pequeno e oculto de plantar bem é adiantamento da redenção.

A esperança paulina não é passividade. A criação espera trabalhando, gemendo, produzindo. O justo que reconhece a vaidade não cruza os braços: ele planta com mais seriedade justamente porque sabe que sua obra não termina em si mesma, mas se enraíza no que permanece. Esperar a libertação da criação é cultivá-la agora como quem prepara o solo para uma presença maior. É exatamente o que Bento XVI (2007) designa por esperança performativa, aquela que muda o presente porque conhece o futuro que a aguarda.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: A LEITURA AGROSÓFICA

4.1 Cuidar da terra é participar do parto

A Agrosafia lê Romanos 8 como uma teologia do trabalho no campo. Se a criação inteira geme aguardando a redenção, então cada ato de cuidado com a terra, reflorestar, recuperar um solo, guardar uma nascente, plantar uma árvore que só dará sombra a netos ainda por nascer, é um gesto que acompanha o parto do mundo novo. O agricultor que planta o garapuvu e o ipê da Mata Atlântica não combate a vaidade acumulando para si: ele semeia no oculto, para o futuro, e essa é a forma mais pura de esperança encarnada.

Essa formulação encontra correspondência direta na noção de ecologia integral, segundo a qual não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental (FRANCISCO, 2015). A Agrosafia, ao integrar Filosofia, Teologia e Agronomia, oferece à extensão rural um fundamento antropológico que a técnica isolada não é capaz de fornecer, conforme o autor vem sistematizando em sua produção sobre educação cooperativista e sustentabilidade na extensão rural (LOTÉRIO, 2026c).

4.2 Consistência, não vaidade

Aqui está o discernimento central. Divulgar o cuidado com a criação, ensinar, escrever, plantar à vista de todos pode parecer, aos olhos apressados, vaidade, a mesma religião de vitrine que Cristo condenou. Mas há uma diferença de raiz entre mostrar o fruto para ser aplaudido e mostrar o caminho para que outros também plantem. O primeiro busca a paga do olhar alheio; o segundo entrega a semente e recolhe-se ao trabalho seguinte. A consistência de quem repete o gesto ano após ano, na estiagem e na fartura, sem depender do reconhecimento, é o oposto exato da vaidade: é fidelidade.

A distinção é sustentada pelo próprio vocabulário bíblico, que separa hevel, a transitoriedade ontológica de tudo quanto existe, de kenodoxia, a vanglória, isto é, a busca vazia do reconhecimento humano. O que se condena não é a visibilidade do bem, mas a inversão de sua finalidade. Agostinho (1999) já havia identificado essa inquietude como estrutura do coração humano, que só descansa quando ordena os bens penúltimos ao Bem último.

Quem escreve sobre a criação sofredora não o faz para ser visto, mas para que a criação seja menos sofredora. A palavra publicada, quando nasce da mesma raiz que produz a árvore plantada, não é vitrine: é semente lançada em terreno mais amplo. O sinal de que não há vaidade nisso é simples: o autor continua plantando mesmo quando ninguém aplaude, e o que divulga aponta para além de si, para a terra e para Aquele que a redime. Essa mesma lógica de hierarquia da ação, na qual o essencial precede o ornamental, foi desenvolvida pelo autor em ensaio agrosófico anterior (LOTÉRIO, 2026b).

4.3 Quatro discernimentos que a criação ensina

Primeiro, gemer é fecundo. O sofrimento da criação não é sinal de abandono, mas de gestação; quem trabalha a terra participa desse parto e não deve confundir a dor do processo com a ausência de sentido.

Segundo, esperar é plantar. A esperança cristã não paralisa; ela mobiliza. Aguardar a redenção da criação é cultivá-la agora com esmero, como quem prepara o solo para uma glória anunciada.

Terceiro, divulgar por consistência, não por vitrine. O que se comunica sobre o cuidado com a terra deve nascer da mesma raiz que produz o fruto real; a marca da ausência de vaidade é continuar plantando quando o aplauso cessa.

Quarto, a libertação é comum. Homem e criação gemem juntos e serão libertados juntos; não há redenção do ser humano que despreze a terra que o sustenta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Eclesiastes olhou o mundo e viu sopro; Paulo olhou o mesmo mundo e viu parto. A vaidade que angustiava Salomão é reinterpretada como a condição de uma criação que espera, geme e trabalha rumo à liberdade dos filhos de Deus. Não se trata de negar a fugacidade, pois a bruma da manhã continua a desfazer-se, mas de reconhecer que, sob o sopro, há uma esperança enraizada que a morte não colhe.

Os três objetivos específicos foram alcançados. Demonstrou-se a continuidade semântica entre hevel e mataiotes pela via da Septuaginta; interpretou-se o gemido cósmico como categoria de gestação, com respaldo em Laudato Si e Spe Salvi; e estabeleceu-se o critério de discernimento entre consistência e vaidade, ancorado na distinção entre hevel e kenodoxia.

Para quem trabalha a terra, essa é a mais consoladora das verdades. Cada árvore plantada, cada solo recuperado, cada palavra semeada com consistência e não por vaidade é já uma primícia da redenção que virá. Cuidar da criação não é vaidade quando se cuida no oculto e se aponta para o eterno; é acompanhar, com as próprias mãos, o gemido fecundo do mundo que espera nascer. E essa é a única colheita que, mesmo sendo breve como a bruma, se enraíza no que permanece.

Recomenda-se, como agenda de pesquisa futura, a formulação de indicadores agrosóficos capazes de aferir, em programas de extensão rural, a presença dos quatro discernimentos aqui propostos, articulando-os ao referencial FITEAGROS de formação, que integra Filosofia, Teologia e Agronomia.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. Confissões. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- BENTO XVI. Carta Encíclica Spe Salvi: sobre a esperança cristã. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. A Eternidade em Nós. Camboriú: Edição do autor.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. Um Minuto de Inspiração. Camboriú: Edição do autor.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. Paixão pelo Cooperativismo. Camboriú: Edição do autor.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. Agrosafia de vida: o amor verdadeiro se prova na convivência, não no encantamento. Portal Aínor Lotério, 2026a. Disponível em: <https://loterio.com.br/agrosafia-de-vida-o-amor-verdadeiro-se-prova-na-convivencia-nao-no-encantamento/>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. A ordem natural das coisas: primeiro o incêndio, depois o telhado, só então a pintura. Um ensaio agrosófico sobre a hierarquia da ação humana. Portal Aínor Lotério, 2026b. Disponível em: <https://loterio.com.br/a-ordem-natural-das-coisas-primeiro-o-incendio-depois-o-telhado-so-entao-a-pintura-um-ensaio-agrosofico-sobre-a-hierarquia-da-acao-humana/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. A educação cooperativista como o elo de sustentabilidade na extensão rural e na construção de cooperativas fortes. Portal Aínor Lotério, 2026c. Disponível em: <https://loterio.com.br/a-educacao-cooperativista-como-o-elo-de-sustentabilidade-na-extensao-rural-e-na-construcao-de-cooperativas-fortes/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. A espiritualidade do casal: a aliança plena entre Deus, o eu e o outro. Portal Aínor Lotério, 2026d. Disponível em: <https://loterio.com.br/a-espiritualidade-do-casal-a-alianca-plena-entre-deus-o-eu-e-o-outro/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Agrosafia: filosofia, teologia e agronomia a serviço do campo. Portal Agrosafia. Disponível em: <https://ainor.com.br/?s=agrosafia>. Acesso em: 15 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Agricultura e sustentabilidade: acervo temático. Portal Aínor Lotério. Disponível em: <https://loterio.com.br/agricultura/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

RATZINGER, Joseph. Introdução ao Cristianismo. São Paulo: Loyola, 2005.

Aínor Francisco Lotério

Palestrante · Agrônomo · Filósofo · Teólogo · Diácono Permanente

Criador da Agrosafia · Chácara Agrosafia, Comunidade Rural do Braço, Camboriú/SC

www.ainor.com.br · www.loterio.com.br